UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

NECROPOLÍTICA: UM CONCEITO DA FILOSOFIA DE ACHILLE MBEMBE

Rogerio Lima de Almeida[1]; Laurenio Leite Sombra[2]
1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rolima0201@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Necropolítica; Colonialidade do poder; Capitalismo.

INTRODUÇÃO

Intencionando contribuir para que a pesquisa filosófica avance na compreensão de elementos da contemporaneidade, cumprindo assim o importante papel de pensarmos o nosso mundo atual, a investigação, de natureza filosófico-conceitual, buscou analisar o conceito de *necropolítica* do filósofo camaronês Achille Mbembe, tentando entendê-lo a partir das suas possíveis relações com a concretização do atual estágio do capitalismo. Sendo assim, a questão que pretendemos perseguir com a pesquisa foi: qual o lugar da necropolítica na constituição das relações de poder da atual fase do capitalismo? Como desdobramento dessa questão central, o objetivo geral da pesquisa foi investigar filosoficamente o conceito de *necropolítica*. Já os objetivos específicos foram os seguintes: investigar os fundamentos do *capitalismo* e a sua possível relação com o *exercício de morte*; identificar as possíveis articulações entre o conceito de *Negro* (também de Achille Mbembe) e a necropolítica; e investigar como a *colonialidade do poder* sustenta a necropolítica. Além de obras de Achille Mbembe (MBEMBE, 2016; MBEMBE, 2014), a pesquisa mobilizou textos do pensador brasileiro Silvio Almeida (ALMEIDA, 2019), do filósofo francês Michel Foucault (FOUCAULT, 1999; FOUCAULT, 2008), do sociólogo peruano Aníbal Quijano (QUIJANO, 1992; QUIJANO, 2005) e do filósofo brasileiro Laurenio Sombra (SOMBRA, 2017; SOMBRA, 2019; SOMBRA, 2020). A hipótese da pesquisa era a seguinte: possivelmente as raízes da necropolítica estão diretamente relacionadas com as raízes da modernidade, portanto elementos como raça, colonialidade do poder, relação sujeito-objeto e capitalismo a sustentam e ajudam a explicá-la.

MATERIAL E MÉTODOS

Considerando a caracterização da filosofia feita por Laurenio Sombra (SOMBRA, 2012; SOMBRA, 2017), a pesquisa buscou traçar uma reflexão sobre conceitos, desenvolvidos por meio de processos argumentativos, por isso a investigação é eminentemente conceitual. No desenvolvimento da pesquisa foram observados o rigor conceitual sofisticado e os procedimentos de leitura e reflexão já canônicos que são próprios da filosofia. A natureza da pesquisa foi bibliográfica, por isso os materiais que foram utilizados são de ordem textual: livros, artigos, ensaios etc. Como metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, foram feitas as leituras dos textos listados na referência. Para cada texto foram produzidos fichamentos com comentários críticos, e nesse processo foram feitas análises textuais a fim de identificarmos os argumentos, as teses e as hipóteses dos textos. Ao longo da investigação foram realizadas discussões sobre os textos, conceitos e argumentos com o orientador, essas discussões se deram por e-mail ou por encontros síncronos via plataforma digital Google Meet.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Com a conclusão da pesquisa, eram esperados os seguintes resultados: apresentação de propostas de formulações filosóficas, se não próprias, ao menos uma revisão conceitual em torno das investigações traçadas ao longo da pesquisa, a pretensão era que isso se desse por meio da materialização de um artigo formatado para ser submetido em algum periódico da área; formatação de apresentação comunicação oral em evento da área; contribuição para o fortalecimento da linha de pesquisa em Ética e Política do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Filosofia (NEF) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); e contribuição para a ampliação da produção discente no curso de Filosofia.

O principal produto da pesquisa foi a elaboração de um artigo filosófico (com características de ensaio) condensando toda a reflexão realizada ao longo dos 12 meses de investigação. O artigo está formatado e será submetido em um periódico da área de Filosofia. Nele nós mobilizamos os conceitos de *modernidade*, *raça*, *colonialidade do poder*, *relação sujeito-objeto*, *capitalismo* e *biopoder* para refletirmos acerca da ideia de necropolítica.

Achille Mbembe propõe o conceito de necropolítica em um ensaio de mesmo nome publicado em 2003 “para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de ‘mundos de morte’, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’” (MBEMBE, 2016, p. 146). Partindo dessa proposição, em nosso artigo tentamos ir além de comentários acerca da necropolítica e buscamos estabelecer possíveis fundamentos para a necropolítica, propondo assim uma “lente” que contribua para analisarmos a necropolítica de forma mais profunda. Para tanto, colocamos em

diálogo, principalmente, as seguintes referências: Almeida (2019), Quijano (1992; 2005), Sombra (2017; 2019; 2020), Mbembe (2014), Foucault (1999; 2008).

A partir dessas referências argumentamos que a modernidade tem como alguns de seus mais importantes pilares a ideia de raça (ou princípio de raça), a colonialidade do poder enquanto estrutura colonial de poder, a relação sujeito-objeto e o capitalismo. Cada um desses pilares possui uma conceituação diferente e tratamos de cada um deles, mas também estão em constante inter-relação entre si. Esses pilares remetem ao início da modernidade, em especial a partir da constituição da América, no entanto ainda hoje a modernidade tardia possui fortes características relacionadas a esses pilares, pois, apesar do fim da colonização formal, a estrutura de poder colonial perdurou. Sendo assim, é possível dizer que esses pilares ainda sustentam a modernidade tardia, o que nos leva a conjecturar que a necropolítica também se baseia nesses pilares para a sua materialização. No artigo também argumentamos que a necropolítica é um passo adiante com relação a ideia de biopoder, pois questiona se a "noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra o terror, faz do assassinato do inimigo seu objetivo primeiro e absoluto" (MBEMBE, 2016, p. 123). Enquanto que o biopoder se baseia na preservação da vida, e portanto, submete a vida à política ("fazer viver e deixar morrer"), a necropolítica não possui essa característica positiva de preservação da vida, é apenas a morte pela morte. Com a necropolítica, a morte se torna o paradigma da política, populações inteiras são submetidas a "mundos de morte", um mundo de mortos-vivos. No mundo contemporâneo a preservação da vida passa a ser algo secundário e a morte passa a ser central.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação levou a uma reflexão acerca da possibilidade de falarmos em uma política da morte no mundo contemporâneo a partir de uma perspectiva filosófica. Para operacionalizar a discussão, vários conceitos foram mobilizados. Diante do refletido, podemos concluir que a Colônia (um dos pilares da modernidade) estabelece a morte como política principal de organização da vida, mobilizando todo um aparato racial e econômico a fim de garantir o poder soberano de matar. A perspectiva de biopoder foucaultiana não dá conta de explicar os contextos coloniais e como mesmo após o fim da colonização formal ainda reina uma lógica colonial e a colonialidade do poder. A necropolítica contribui para refletirmos sobre a morte enquanto política nos dias atuais, sendo assim, é possível afirmarmos a existência de uma política da morte que regula toda a vida social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. 2019. *Racismo estrutural*. São Paulo, Pólen, 264 p. (Feminismos Plurais)
FOUCAULT, M. 1999. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo, Martins Fontes, 382 p.

FOUCAULT, M. 2008. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo, Martins Fontes, 572 p.
MBEMBE, A. 2014. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa, Antígona, 309 p.
MBEMBE, A. 2016. Necropolítica. *Artes & ensaios* 32: 122-151.
QUIJANO, A. 1992. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena* 29 (13): 11-20.
QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: E. LANDER (org.), *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, pp. 117-142. Buenos Aires, CLACSO.
SOMBRA, L. 2012. Filosofia: de que se trata? *Pandora Brasil* 40: 14-21.
SOMBRA, L. 2017. O Ocidente como problema filosófico. *Ideação* 36: 193-242.
SOMBRA, L. 2019. Sujeitos que objetivam, objetos que assujeitam: insurgência e formação política. S. R. M. SOUZA; L. C. SANTOS (org.). *Entre-linhas*: educação, fenomenologias e insurgência popular, pp. 73-92. Salvador, EDUFBA.
SOMBRA, L. 2020. A pandemia, o ideal e o material. *Investigação Filosófica* 2 (11): 99-115.